

A letra A (e o arquivista)

Viver em sua finita coleção de memórias, polindo cada uma delas
cuidadosamente.
Meia vida passada, atrás do vidro e pregada em cortiça como uma
coleção de insetos exóticos.
Você gostaria de viver atrás de vidro, não gostaria?
Você gostaria, mas não pode, pode?¹

Duas cartas de baralho, dois Ás de espadas, duas letras A, um Aqui e um Antes.

Antes de desaparecerem todas as letras (que, hoje, cedem lugar a uma grafia de pontos, círculos, bolas), essas anotações compõem cadernos que, ao longo dos anos, registram um tecido complementar entre as imagens e a escritura, entre o traço do desenho e o desenho do texto. Duas cartas de baralho – jogo de azar-**acaso** – fornecendo a matéria/letra que desencadeia o registro. Coladas sobre o papel de embrulho de um “carvão tinteiro (estilo japonês)”, comportam-se como ideogramas, por contágio. De maneira similar à escrita imagética japonesa, combinam objetos para produzir conceito: Aqui-Antes, Antes-Aqui (cartas de baralho nunca ficam invertidas). Em 1992, esta é uma das notas que preenchiam as páginas/memento desses livros (diários?) em construção.

Os cadernos/livros parecem realizar as idéias para a construção de um dos tantos objetos que neles estão inscritas: “A lei da selva - livros famintos”, onde um **livro** engole o seguinte, compondo uma corrente de engolidores, todos em um só, uma boa metáfora para o processo e trabalho de Ralph Gehre.

Pois não estamos tratando de **coleções** que vão se acumulando e desse acúmulo se configurando como obra. Trata-se sim de metabolização... e de construção de um repertório mínimo e **recorrente** que cria sinais (índices) dos conteúdos das páginas.

Esses registros convivem, durante algum tempo, com a série “Pobres Diabos”. Incrustadas nas telas do artista ou já soltas do espaço circunscrito por ela, aparecem imagens/colagens de restos, que dialogam com sua genealogia e que, vistas junto aos cadernos, trazem a mais viva lembrança do nascimento da técnica, no texto de Apollinaire e na obra de Braque e Picasso. Lembram um certo ÁS de paus recorrente nas naturezas mortas cubistas... sendo dados: garrafas, cartas de baralho, cartões de visita e... dados. Daquele momento em diante, pela entronização do trocadilho no espaço artístico (e pelo conseqüente desvelamento da materialidade da letra, obra dos caligramas² e das colagens), estabelece-se um trânsito perene entre imagem e escritura, entre a baixa e a alta cultura, entre o visível e o pressentido, entre o descartável e os objetos de valor (e isso é sempre subjetivo). A condição

legada ao artista contemporâneo é, portanto: a de colecionador, a de decifrador, a de proponente de **enigmas**. E é claro, a de eliminar gradativamente a matéria, para recuperá-la posteriormente — por reinserção no espaço expressivo ou por **versão** constituída ³.

Ralph, mais do que um colecionador, é um arquivista. Organiza e cataloga as sobras dos dias, que vai recolhendo, quando abordado por elas. Às vezes, sua coleta se faz por registro fotográfico: mil fotos em tamanho 10 por 15 cm, documentos de preciosos “quase nada” para serem lidos como uma coisa só (seja lá a composição que se escolher para elas). Fotos guardadas em pilhas dentro de caixas que, quando abertas, revelam todo o conjunto, nunca uma só imagem, nunca algo para ser reconhecido e catalogado como único, diferente dos outros. Menos do que os conteúdos, o que se desvela é o **método** de registro: a forma mínima tributária de inúmeras fontes. Do traço figurativo, que caracterizou sua obra, vão sendo retirados os excessos. Para guardar muito, as anotações têm de se tornar o mais sucintas possível, quase esquemáticas, quase sugestão de forma.

Até se tornarem **repetição** de padrões inscritos sobre a tela crua – ele é pintor e desenhista, e é de método de pintura e desenho que trata a série desenvolvida em 2000. E de escritura de imagem muda. Se olharmos de relance seus nanquins sobre tubox, deparamo-nos com uma escritura sem escrita. Ela está lá, se insinua, mas é composta de um alfabeto de um único signo: **o ponto**. Fim do período, fim da fala, início da suposição. Resultado de um mesmo percurso lógico que produz a pintura transparente desse mesmo signo, ou o seu aparecimento pela pintura (quase transparente) do fundo que o destaca – seu avesso, ou o avesso de nada. O mínimo novamente... a pintura levada à beira do desaparecimento... mas sustentando-se (e sendo sustentada) pelo método.

Em sua última série, ele trata do nome. Seu nome, sua assinatura usada como matéria-prima (e esse é certamente o máximo da supressão de elementos!). Mais uma vez, remete às experiências do poeta Apollinaire que, antes de nomear os caligramas, chamou-os temporariamente de “ideogramas líricos”. Em um deles, chamado “*Cœur couronne et miroir*” (Coração coroa e espelho), seu nome, em letras maiúsculas, surge no centro da forma do espelho, cujo desenho é composto pelas palavras que dizem algo como “neste espelho eu sou cercado vivo e real como se imaginam os anjos e não como são os reflexos...” ⁴ O nome dá matéria à suposta imagem especular. E tensiona a construção imaginária que é a imagem especular. Ou seja, a letra dá corpo ao corpo, por nomeação. E causa um estranho incômodo ao leitor, que se depara, antes do texto (antes da obra?) com a assinatura... ou com a autoria sobreposta à obra.

Os novos trabalhos de Ralph, papéis de parede e adesivos também para parede, espelhos ou outras superfícies (por enquanto), são estampas de seu nome que, em sua repetição como padronagem, quase desaparece. Assim como o nome repetido em voz alta muitas vezes, se deforma, vira perora, vira pura imagem acústica. O que é, pela lógica, auto-referente por excelência, um exercício narcísico, pela repetição, torna-se um processo de **des(re)conhecimento**, de alteridade, anulação pela afirmação contumaz.⁵ Vira outra coisa... vira traço e não mais nome. O artista, agora, inicia um trabalho (pelos canais legais, inclusive) de desvincular-se de sua assinatura – aquela que lhe dá identidade – para incorporá-la a sua obra, como matéria-prima. E para isso, uma outra terá que surgir, já condenada ao desaparecimento... como tudo.

Ela é memento... como o filme do qual, em uma conversa, Ralph me falou com entusiasmo: “Memento”⁶. Nele, um homem com amnésia vai tatuando seu corpo com os dados de sua vida. E distribui, pelo seu quarto, notas com as ações mais básicas, das quais não é capaz de se lembrar (se acordar entre 22h e 8h “volte a dormir”, se forem 8h, “escove os dentes”). Duas fotos na parede definem sua condição: uma delas, a tomografia de seu cérebro (“este é seu cérebro”); a outra mostra ele mesmo no enterro de sua mulher. No corpo está tatuado o que, no momento, é sua assinatura (a qual, todavia, ele não pode reconhecer): o fato desencadeador de seu estado atual e o que pode fazer para recuperar a si mesmo... Mas ele também não poderá lembrar-se disso, o que faz desse corpo inscrito pura letra, pura marca, puro memento.

NÃO é a tatuagem/obra – herdeira dos “Pobres Diabos”, reflexo de um outro “Não” (obra da série)⁷ – inscrita no braço esquerdo de Ralph, há cerca de sete anos. Uma negação que é marca! Um memento que todavia é puro vazio: lembrar-se de nada. Seu estatuto é o de cicatriz, é lembrança de uma história que jamais será lembrada, mas somente reconstruída por fragmentos, vestígios... como os pobres diabos. Afinal, para um arquivista do mínimo, a inscrição/marca/lembrete há de ser um NÃO, para que só reste a estrutura, o lugar demarcado das lembranças, sejam elas quais forem. Para um portador de sua própria memória (da qual abdica como narrativa, para dela conservar o método de organização), a cicatriz é a assinatura, é **matéria/letra**: NÃO.

Aí está apontada uma mesma questão... Amnésia, Apollinaire... a mesma de Ralph. Aqui e Antes têm sentidos contingentes. Em última instância, nos resta a letra... e a sua marca.

¹ Trecho do monólogo/diálogo da personagem Earl, no conto “Memento Mori”, de Jonathan Noland, que deu origem ao filme “Memento”, de Cristhopher Noland (no qual a personagem se chama Leonard). Retirado do Caderno *Mais!*, da Folha de São Paulo de 12/08/2001.

² Os caligramas são criados por Guillaume Apollinaire como imagens textuais, em que a seqüência das letras forma a imagem a qual se referem e solicitam sua leitura em dois sentidos: o semântico e o formal. A pesquisa do poeta trazia também um alargamento das possibilidades tipográficas, em que mais do que a funcionalidade do meio de reprodução, estava em questão uma estética das letras. Essa pesquisa é contemporânea não só do cubismo, mas do futurismo italiano, do construtivismo russo e do dadaísmo, todos envolvidos com a idéia da imagem textual e do texto imagético.

³ Em um texto seu, proferido como palestra, Ralph identifica quatro ofícios do artista: *o ofício da sobrevivência*, *o ofício do desnudamento*, *o ofício da desistência* e *o ofício perene da interrogação*.

⁴ Tradução livre a partir de Apollinaire, Guillaume, *Caligrammes*, Paris: Gallimard, 2000.

⁵ Em um e-mail enviado a Chico Amaral, o artista trata de sua opção por trabalhar seu nome. Depois de postergar um projeto em que trataria a inserção na pedra como inserção no humano, como vislumbres do vazio/real que nos assombra, ele descreve assim o novo projeto: “... Havia desenhado umas peças grandes de mármore, placas de mármore branco, com muitos buracos, como queijo suíço (...) É caro demais falar do vazio, do que não tem corpo próprio, daquilo que se completa no olhar, no imperfeito, no incompleto. O incompleto é caro demais. Então vou falar sobre outra identidade. Não a que formamos para permanecermos erguidos, em pé. A identidade alheia, aquela sobre a qual depositamos crédito, aquela de que todos falam e reconhecem, aquela identidade dos estereótipos, das personalidades resumidas. Vou falar das marcas. Inventei dezenas de logomarcas com meu nome e estou trabalhando adesivos de parede e para chapas de ferro pintadas, impressões sobre couro e tecido, impressões de meu nome, de minha assinatura...”

No e-mail seguinte, ele diz: “... Sou capaz de mudar de direção e optar entre mármore, bolas, buracos e nomes, com a mesma facilidade. *Creio que é tudo a mesma coisa, pois falo sempre de uma coisa só.* Estou feliz com o achado de trabalhar sobre meu nome, esse enigma de ser um nome, algo que não se pronuncia direito, ao mesmo tempo importado e caipira, nome que sempre erram, nome que ninguém confunde, mas tampouco sabe soletrar. Encontrar uma visualidade para esse nome, o meu nome, assumir meu nome como imagem gráfica básica para meu trabalho é, antes de tudo, assumir meu nome”.

⁶ No Brasil, recebeu o nome de “Amnésia”, dirigido por Cristhopher Noland (2001). “Memento” é um termo de raiz latina, grafado em português exatamente dessa maneira, e que significa, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, “marca, que serve para lembrar qualquer coisa; papel ou caderneta onde se anotam coisas que devem ser lembradas; memorial; memorando; memória; livrinho aonde se acham resumidas as partes essenciais de uma questão.

⁷ Em 1997, levando um material para xerografar, enquanto esperava o serviço ser feito, deparei com várias reproduções desse “não” inscrito sobre a pele: uma fotografia de parte do braço do artista, sem qualquer outra identificação, além da tatuagem, sendo reproduzida em xerox. A marca do anonimato.